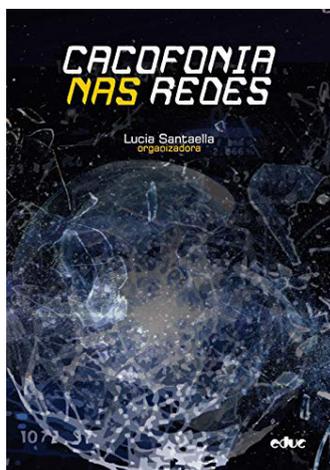


AS TEIAS DA CACOFONIA EM REDES

Everson Luiz Oliveira Motta¹

Sobre SANTAELLA, Lúcia (Org.). *Cacofonia nas redes*. Curitiba, PR: Editora da PUC-SP (EDUC), 2018, 188 pp, ISBN 978-8528306156.



RESUMO: Trata-se de uma resenha crítica do livro *Cacofonia nas redes*, edição organizada por Lúcia Santaella, publicado em 2018 pela Editora da PUC-SP (EDUC) e contendo 188 páginas. O referido livro possui 11 capítulos.

PALAVRAS-CHAVE: Cacofonia; Internet; Fake News.

ABSTRACT: This is a critical review of the book *Cacophony in the networks*, na edition organized by Lúcia Santaella, published in 2018 by Editora da PUC-SP (EDUC) and containing 188 pages. That book has 11 chapters.

KEYWORDS: Cacophony; Internet; Fake News.

Na união das ideias e desejos do grupo de pesquisa Sociotramas nasce a temática deste livro. Esta obra suscita o arejamento das ideias que borbulharam no ano de 2017, em relação a três palavras – *fake news*, bolhas filtradas e pós verdade surgida em seus encontros. Sua organizadora Lucia Santaella, reúne em onze capítulos, autores em um mix de palavras fazendo surgir o tema central desta obra na busca da identificação da “**Cacofonia nas redes**”

No primeiro capítulo intitulado “*Da biblioteca de babel aos labirintos discursivos*” Lucia Santaella, traz o aprofundamento das questões de funcionamento das redes sociais, busca o entendimento do tipo de uso que as redes proporcionam e os tipos de perfis cognitivos, psíquicos

¹ Doutorando em Educação e Currículo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Educação e Novas Tecnologias (UNINTER-PR). Bacharel e licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Graduado em Pedagogia na (UNINTER-PR) e Bacharel em Design de interiores (UNICESUMAR-PR). Tem experiência na área de Gestão da Educação, Artes, Design, Tecnologia e Marketing Educacional, diluindo o conhecimento de forma interdisciplinar STEAM, na modalidade de ensino a distância como um ser A/R/Tográfico. E-mail: soneve@gmail.com

e sociais que redundam na “cacofonia nas redes”. O perfil cognitivo dos usuários são sistematizados em três tipos de leitores: O contemplativo – lê livros; O Movente – leitor de imagens em movimento; O Imersivo – Que navega em nós e conexões informativas. A autora ainda acrescenta O ubíquo - em estado de prontidão, equilibra-se em dois espaços, físico - que se desloca e o informacional - que transita na rede apenas com o toque dos dedos. Movendo sua experiência de escritora diz que “ler online não é a mesma coisa que ler no sentido tradicional da palavra” (p. 18), ao situar este perfil em uma época onde as tecnologias nos programam para sermos continuamente interrompidos ao navegar no ciberespaço e “são impelidos a executar e desenvolver perfis específicos de subjetivação, batizado pela autora de “imediaticidade intempestiva” que diante da multiplicidade de acessos e relações gera cacofonia das redes. Conclui-se que o acúmulo informacional gerado por *gadgets* não deve ser nossa futura dependência e que ao mesmo tempo que eles criam as novas habilidades, novos formatos de leitura necessárias, pois ao invés de ciscar (dedilhar) entre fragmentos com diversas mídias e formas textuais de forma aleatória, a autora pede uma volta à fruição do conhecimento em seu formato contemplativo de leitor, a fim de retomar a leitura imersiva e contemplativa juntando dois perfis para potencializar suas ações e discursos.

“*Dúvida: Antídoto contra a cacofonia nas redes*”, é o segundo capítulo de autoria de Thiago Mittermayer e Lúcia Santaella, juntos descrevem a ideia de cacofonia nas redes, que circunscreve um território de multiplicidade de dados armazenados, por vezes dissonantes entre si, sendo um reflexo “hiperdimensionado da quantidade gigantesca de informação digital” (p. 23). Em uma imersão pelas obras de Vilém Flusser, os autores investigam o conceito de Pós-história, que colabora com o estado de caos gerado da cacofonia nas redes. Para Flusser, a Pós-história não é o fim da história, como muitos dizem, mas sim externo ao contexto de história do ocidente. Assim, a Pós-história não deixou de existir, a história é mutável, vendo nela “uma vela que auxilia a iluminar a neblina da cacofonia (p. 28). Já o conceito dúvida para os autores, tem o intuito de encontrar um novo senso de realidade no campo da filosofia. A dúvida cartesiana como “uma procura de certeza que começa por destruir a certeza autêntica para produzir a certeza inautêntica” (p. 29). Sendo o primeiro passo da dúvida tratada como uma fé e não como certeza de algo, pois “as certezas originais postas em dúvida nunca mais serão certezas autênticas”. E entrelaçando os conceitos de intelecto e pensamentos, tem-se no segundo um campo de dúvidas que comporta os pensamentos, aqui a dúvida tende a estimular o pensamento. O primeiro, o intelecto, junto ao pensamento são inseparáveis e na junção dos dois há o pensamento completo, mais significativos. Por fim, ter a dúvida faz o pensamento agir em possibilidades de defesa, como um antídoto, que se defenderá da turbulência que se instala pela cacofonia. Em meios turbulentos os autores concluem que: “nunca foi tão importante pensar e ter curiosidade para conferir os fatos” (...) “somos humanos, e ao mesmo tempo programamos os dados tanto quanto somos programados por eles” (p. 33-34).

Clotilde Perez, escreve o terceiro capítulo, “*os sentidos da cacofonia nas redes: desarmonia e ambiência criativa*” e persegue a busca de sentido da cacofonia. Partindo do seu estado etimológico de palavra como desarmonia (desafinar), busca possibilidades de dar à palavra características positivas. Exemplificando a proliferação de memes no meio digital, Perez apresenta sua origem de manifestação na comunicação das redes com criação instantânea e disseminação voraz. Ao levar sentido e mensagem nas redes de forma humorística, os memes se alastram rapidamente, configuram “como uma ambiência criativa pelas rupturas e diferenças, e podem abrigar, “a *poesis*, uma vez que quebra a estabilidade e a previsibilidade” (p. 45) na forma de comunicar. Aproximando do seu entendimento a metáfora correlata a Eufonia (harmonia, equilíbrio, estabilidade), a Polifonia (multiplicidade de vozes), a Sinfonia (harmonia na perspectiva coletiva) e Afonia (perda ou ausência de voz) - este último a autora pondera que se tome cuidado para não perder a voz nas redes sociais, fazendo surgir a Eufonia ao possibilitar o encontro com iguais na rede social e digital. Para a autora é justamente na junção de tecnologia e pessoa que há dissonância e há maior risco nas redes sociais quando o humano perde o sentido.

No quarto capítulo, “*cacofonia e polifonia na web vs a materialização multidimensional*” do fenômeno a autora Kalyinka Cruz-Stefano acredita que os seres humanos estão perdendo a razoabilidade na internet, utilizando dos meios digitais para proliferarem uma cacofonia, por vezes errônea, como *fake news*. Para pontuar a discussão, a autora aproxima o pensamento complexo de Edgar Morin, entendido como o potencial de desenvolver a criticidade com o intuito de romper paradigmas. Por meio da teoria de Materialização Multidimensional do Fenômeno (MMF) busca responder porque *hater* e *neo-haters* se manifestam barbarizadamente no Ciberespaço alimentando falsos e maus comportamentos que se alastram rapidamente. Assim, o MMF vem ser uma ferramenta para o exercício do pensamento complexo, a fim de entender os comportamentos de razoabilidade, com o outro.

Marcelo de Mattos Salgado em seu quinto capítulo, denominado “*Cacofonia digitais e o pensamento pós moderno*”, investiga os fenômenos destoantes na comunicação digital provocados pela Polarização. Lugar onde pessoas insistem em reforçar ideias predominantes de segregação e ideologização em ambientes digitais. O autor afirma que na internet existe um “grupismo” onde as pessoas se isolam cada vez mais, e faz necessário por um filtro para as informações e possibilidade encontradas em excesso nas redes digitais. Objetivando a ideia de criarmos cada vez mais uma percepção da realidade, não apenas esboçada por nossas crenças. Tendo nas redes redes sociabilidade (Facebook e Twitter) a intensão de intensificar a pulverização imediata de mensagens. Aumentando as conturbações geradas no dessincronismo nas redes digitais, “que cheira muito mal e provoca a muitos – que defeca figurativamente nas relações sociais, ou que apresenta o esgoto das mesmas (p. 63).

Já no sexto capítulo *“Dissonância cognitiva, produção de estranhos, cacofonia: até onde o pensamento disjuntivo nos trouxe”* de autoria de Patrícia Fonseca Fanaya. Dada as constantes transformações e complexidade gerada nas redes que findam em contraversão de cacofonia, principalmente no que tange a desigualdade em relação a crescente globalização e a dissonância cognitiva que se divide em crenças e valores distintos e pessoais. Na teia da complexidade trazida por Edgar Morin (2011, p. 5-6) *“é a palavra problema e não uma palavra solução”* a qual carrega uma carga semântica de incerteza. O fenômeno globalizado de conexões, não é apenas de ordem econômica, ou uma *“oposição aos padrões do primeiro mundo”* (HARARI, 2015, p. 395), elas são inerentes a todos os contextos. Tangenciando isso, as tecnologias digitais e moveis a serviço da comunicação são importantes para união do coletivo. Visto que nessa relação haverá sempre excesso de versões e contraversão. Fatos que tem colocado todos em um estado constante de perturbação, confusão e desinteresse juntos a uma falta de alteridade culminam em dissonâncias. Na sociedade este estranho produz o seu próprio espaço que *“desmascaram a frágil artificialidade de qualquer divisão entre território”* (p. 87), fazendo surgir mais dissonância cognitiva, produção de estranhos e cacofonia, que *“ecoam nas redes humanos, em forma de atritos crescente de todas as espécies”* (p. 88). Assim, necessita-se criar formas em que o deslocamento das tecnologias se adapte ao deslocamento móvel do ensino mais tradicional, minimizando assim o pensamento disjuntivo.

Cilene Victor e Willis Guerra, no sétimo capítulo intitulado *“Crise humanitária: entre a invisibilidade e a cacofonia digital”* a fim de refletir a questão de crise humanitária, a exemplo dos refugiados, na cacofonia digital, levam o leitor junto a uma aproximação dos lugares que constantemente necessitam de atenção. Os autores atribuem essa atenção da mídia, que por características próprias usa seus critérios de noticiabilidade, apenas para o que realmente merece atenção na mídia de massa. Essa característica é desenvolvida pelo texto com a intenção de atribuir a alta pluralidade de informação gerada na internet, apropria-se dos termos cunhados por Bruns (2005) *producers e users*, ao *shipá-los* torna-se *producer* que vão reproduzir, divulgar e contextualizar conteúdo. As notícias existentes em uma dinâmica de *gatwkeeping* e *gatewhatching* confere a visibilidade e discutibilidade as pautas previamente selecionadas pela mídia. Desfocando ou focando-se do assunto principal de dar visibilidade aos lugares afetados. *“O jornalismo tem sido a rota de fuga para os estragos provocados pela cacofonia digital”* (p. 112). Criando uma espécie de seletividade de notícias na internet, onde o ser humano egocentrista esquece e deixa de lado os assuntos crise não apenas pela sua invisibilidade, mas também por deixar de discutir assuntos importante.

“Solidão interativa em redes sociais: excitação e isolamento” é o nome do oitavo capítulo dos autores Fabio de Paula e Ana Maria Di Grado HesseL que aborda a relação da web e a solidão onde *“o ciberespaço aproxima indivíduos ao mesmo tempo que lhes impõe um exílio conectado e, também, vigiado”* (p. 117). Tal afastamento na rede faz surgir um vazio, com a solidão surge o declínio das capacidades cognitivas e surgimento de demências. Com a velocidade crescente das comunidades

virtuais nasce as “Sociopatias digitais” como um comportamento antissocial e a empatia, que nas redes sociais são de fácil acesso. E o ser humano neste caso dá a sua imaginação um olhar mais apocalíptico conectado às suas emoções. Com isso a necessidade de “ampliação da consciência individual e o surgimento de uma consciência coletiva que circula em bytes tropeça – e cai – dentro do nosso corpo” (p. 122) ou seja, surge uma solidão interativa que alimenta o narcisismo e modos de manipulação no Ciberespaço, transformando a identidade do sujeito de forma incompleta. Portanto, a solidão interativa se alimenta de comportamentos sociais e antissociais que acompanham nossas relações.

Patrícia Margarida Farias Coelho e Hermes Renato Hildebrand, juntos, escrevem o nono capítulo, “*Ghosting e Mooning: rompimentos de relacionamentos na internet*”. Ao pesquisar dois *app’s* de relacionamento, nas redes sociais, o Tinder e o Hppn. Dois aplicativos que fazem com que seus usuários sejam mostrados em uma vitrine para serem consumidos. Esse modo de comportamento tem mudando a forma que os usuários relacionam-se um com o outro. Para os autores *Ghosting* refere-se a deixar de atender algum no celular quando esse te liga, sem nenhum motivo aparente, Já *Mooning* é explicado quando você não quer mais atender alguém, vai lá e clica no símbolo da lua do celular para não ser mais perturbado. A diferença entre eles é que o *Ghosting* a pessoa quer desaparecer da vida de alguém e *mooning* “a pessoa não quer que o outro tenha notícias dela, mas quer continuar recebendo notificações daquela pessoa bloqueada” (SANTAELLA, 2018, p. 40). A somatização de problemas de ansiedade é demonstrada nessas duas características quando a pessoa que utiliza destes aplicativos e perde seu “objeto de desejo: seu paquera” na cacofonia ao avesso se caracteriza neste estudo com novas tendências de amores líquidos.

O décimo capítulo escrito por Maria Collier de Mendonça, denominado “*a comunicação das marcas na era da cacofonia nas redes*”. A autora pesquisa a relação do consumidor com as mídias e as marcas, revisitando conceitos de publicidade e suas relações com o público. Observando a mudança mundial na forma de propagar mais o consumo. Ela relata que produtos antes pequenos, e esquecidos, com o advento da internet guiaram-se por portas onde só entra grandes marcas para competir entre elas. Ao mesmo tempo que pequenas marcas ganham notoriedade no ciberespaço por tomar maior proporção maior de visão e publicidade. O pequeno não é mais apenas, o pequeno, ele é competitivo e pode oferecer uma “explosão de variedades” (p. 144) para se vender, mais, por meio de diferentes técnicas, em diversos lugares pela internet. A revolução que se trouxe na publicidade pelas mídias é observada nas estratégias de comunicação, com verbas astronômicas para serem veiculados para a massa. Debater as mudanças cacofônicas nas redes sociais, e observar que não estamos abertos a todo tipo de propaganda e o que ela apresenta, ou que alguns tipos de propaganda não têm a mesma eficiência que no passado. Porque a “propagabilidade também foi definida como o “potencial – técnico científico – de os públicos compartilharem conteúdos por motivos próprios” (p. 150), com ou sem permissão dos detentores dos direitos autorais. Valorando o papel ativo do público que remixa e propaga uma narrativa transmídia ou peça publicitária e faz

ganhar voz. A autora traz o conceito de Cultura *Jamming*, cultura crítica mídias, e invertem os sentidos e intenções originais das mensagens publicitárias” na busca de boicotar ou inverter seu sentido. Ao mesmo tempo que os *Jamming* buscam “desmarcar os sistemas de significação das marcas” (p. 153). Concluindo que para se ter voz em meio a essa cacofonia, é preciso “remixar a retórica publicitária. Isso exige habilidades criativas, tecnológicas, além de bom humor e competências semióticas” (p. 154).

Por fim, diante dessas cacofonias, a atenção dada à segurança pessoal no meio digital, Marcelo Augusto Vieira Graglia, Patrícia Huelsen e Paulo Cacciari, nos demonstra o décimo primeiro capítulo, “Os ataques *hackers* e os ruídos nas redes”. Uma digressão histórica do termo *hacker*, advém do inglês - cortar abruptamente - surgiu na década de 50, no MIT (Massachusetts Institute of Technology) nos Estados Unidos com encontros programados por um grupo de pessoas a fim de “adicionar códigos e acessar sistemas proibidos” (p. 158) dando a ilusão da origem do termo na atualidade como uma cultura transgressiva na internet. No entanto, os autores buscam diferenciar o termo hacker e cracker para desmistificar essa má fama. Onde *Cracker* “é aquele que age com más intenções em um sistema, roubando ou vandalizando dados. Assim, os vilões são os Crackers” (p.158). Os *Hackers* na verdade eram na origem de seus encontros uma forma criativa de diversão. Para os autores os crackers, por inúmeros meios da *dark web*, exploram infinitas possibilidades de atividades maliciosas, com o auxílio da internet das coisas e suas inteligências artificiais. Ao final os autores entrevistam quatro executivos brasileiros, que constatam ser unânime desembolsar investimento para realizar investimentos nas áreas de segurança da informação e segurança pessoal, a fim de diminuir os ruídos ocasionado aos clientes dessa cacofonia *Cracker* que perambula em uma metamorfose viral na sociedade de rede digital.

REFERÊNCIA

SANTAELLA, Lúcia (Org.). **Cacofonia nas redes**. Curitiba, PR: Editora da PUC-SP (EDUC), 2018.

Recebido em: 20/05/2020

Aceito em: 20/08/2020